

INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL - INAF

Estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho

São Paulo, maio de 2016.

FICHA TÉCNICA

Ana Lima (Instituto Paulo Montenegro)
Vera Masagão Ribeiro e Roberto Catelli Jr. (Ação Educativa)

Coordenação do estudo

Equipe Ibope Inteligência
Roberto Catelli Jr., Luis Felipe Serrao, Andréia Lunkes Conrado (Ação Educativa)
Ana Lima, Fernanda Cury e Fabiana Freitas (Instituto Paulo Montenegro)
Equipe do Ibope Inteligência

Elaboração dos instrumentos de pesquisa Digitação e processamento de dados e tabelas

Carlos Alberto Huaira-Contreras (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Análises estatísticas pela Teoria da Resposta ao Item

Roberto Catelli Jr., Luis Felipe Serrao, Andréia Lunkes Conrado (Ação Educativa)
Ana Lima, Fernanda Cury e Fabiana Freitas (Instituto Paulo Montenegro)

Análise dos resultados e elaboração do texto

Sumário

Apresentação.....	1
Metodologia	2
Os cinco grupos da escala de proficiência	4
Contextualização	6
Perfil da população pesquisada.....	6
Alfabetismo na população brasileira.....	6
Alfabetismo e escolaridade.....	8
Alfabetismo, sexo, faixa etária e raça/cor.....	9
Alfabetismo e mundo do trabalho.....	12
Alfabetismo e setor da economia.....	15
Alfabetismo e ocupação principal	17
Alfabetismo e tipo de relação de trabalho	20
Referências	26

Apresentação

Este estudo especial é fruto de mais de três anos de trabalho das equipes de profissionais da Ação Educativa e do Instituto Paulo Montenegro de análise e reflexão sobre a metodologia e os resultados do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), como forma de celebrar o primeiro decênio dessa iniciativa em 2011, quando do lançamento do último relatório do Inaf Brasil. Entre 2012 e 2015, um conjunto de especialistas das mais variadas áreas do conhecimento¹ produziu uma série de análises a partir dos bancos de microdados consolidado de dez anos de pesquisa no intuito de elaborar o recém-lançado livro *Alfabetismo e letramento no Brasil: 10 anos do Inaf*, publicado em 2015 pela Editora Autêntica².

A partir das reflexões de todos(as) especialistas envolvidos(as), avançou-se não somente na análise de dados disponíveis, mas também na reflexão sobre as potencialidades e os limites da própria metodologia adotada pelo Inaf. Na perspectiva de aperfeiçoá-la, as equipes de Ação Educativa e Instituto Paulo Montenegro contaram com apoio de especialistas e com estudos de maior fôlego para abordar questões centrais trazidas pelas análises de 10 anos e pelo acúmulo de experiência das instituições envolvidas nesse período, sobretudo na exploração das intersecções entre alfabetismo e práticas de letramento no mundo do trabalho e de uso de tecnologias digitais de informação e comunicação (TIC) – este na perspectiva dos multiletramentos.

Vale destacar também que, ao longo de mais de uma década de existência do Inaf, o Brasil assistiu à lenta, porém, progressiva ampliação da escolaridade de sua população, sobretudo em razão da ampliação do atendimento na educação básica para crianças e jovens. Nesse sentido, pode-se verificar ao longo de suas edições a melhoria nas condições de alfabetismo da população jovem e adulta brasileira, com redução significativa da proporção de pessoas nos níveis mais baixos, aumento nos níveis intermediários e, inesperadamente, uma estagnação da proporção de pessoas no grupo mais alto da escala de proficiência do Inaf³. Considerando também as mudanças no perfil socioeconômico e educacional da população brasileira nos últimos anos, as instituições decidiram por atualizar a metodologia Inaf revisando o banco de itens, reorganizando os cadernos de prova e os níveis da escala de proficiência originalmente utilizados.

A seguir, apresentamos uma seção com o resumo das opções metodológicas e, em seguida, os resultados preliminares do estudo, com destaque para as relações entre alfabetismo e mundo do trabalho.

¹ Avaliação, linguística aplicada, etnomatemática, estatística, economia da educação, políticas educacionais, formação de professores(as), entre outras.

² As duas instituições contaram com a parceria do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Juventude e Ação Comunitária (Cenpec).

³ Se, no nível analfabeto, registramos queda de 12% para 6%, essa diminuição foi, no nível rudimentar, de 27% para 21%, entre as edições de 2001 e 2011. Tal mudança foi acompanhada pelo aumento da proporção de pessoas consideradas como de nível básico de alfabetismo, de 34% para 47% no mesmo período. Contudo, não registramos avanços na proporção de pessoas no nível de alfabetismo pleno, que oscila em torno de 25% desde a primeira edição do Inaf em 2001. Para mais, veja o panorama de resultados de dez anos do Inaf em Lima et al (2015).

Metodologia

Assumimos o pressuposto de que se desenvolvem práticas letradas em diferentes espaços sociais. Dentre eles, a escola, a igreja, a família e o trabalho. Neste estudo em específico, selecionamos um conjunto de perguntas que, ao serem combinadas com o desempenho no teste cognitivo, nos permitem compreender as relações existentes entre o desenvolvimento da condição de alfabetismo e o mundo do trabalho. Em algumas funções profissionais, por exemplo, existe a implícita necessidade de se fazer cálculos, enquanto que, em outras, é necessário ler, escrever ou desenvolver a capacidade de se comunicar oralmente. Existem também aquelas funções profissionais em que essas habilidades são menos necessárias e, nesse caso, o trabalho/a atividade profissional não proporciona a ampliação de das práticas de letramento e numeramento.

Este estudo especial utiliza a metodologia do Inaf⁴ para explorar as relações entre alfabetismo e mundo do trabalho para compreender em que medida este se constitui como um espaço de de múltiplas práticas de letramento e de numeramento, afetando diretamente as condições de alfabetismo de determinados segmentos populacionais inseridos nos mais diferentes campos profissionais e de trabalho. Dessa maneira, indagamos em que medida as pessoas jovens e adultas trabalhadoras tendem a vivenciar práticas de letramento e de numeramento ao realizarem determinadas atividades laborais e quais dessas práticas seriam mais ou menos presentes em determinadas funções, atividades e ocupações.

Estudos internacionais tais como o *International Adult Literacy Survey* (IALS, na sigla em inglês) e o recente *Programme for the International Assessment of Adult Competencies* (PIAAC, na sigla em inglês), ambos desenvolvidos pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mostraram que, em alguns países, havia um número significativo de pessoas que, apesar da pouca escolarização, apresentavam um bom desempenho em indicadores de alfabetismo, enquanto que, em outros, era pouco representativa a quantidade de pessoas com baixa escolaridade que alcançaram os níveis mais altos de alfabetismo. Essa situação permitiu sugerir a existência de diferentes agências do alfabetismo que, para além da escola, podem contribuir de maneira significativa no desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e resolução de problemas, complementando assim os efeitos da escolarização (OECD, 2000, p. XIV).

Outros estudos também haviam apontado a necessidade de aprofundar as relações entre alfabetismo e mundo do trabalho. Ação Educativa e Instituto Paulo Montenegro (2009), em imersão nas discussões sobre alfabetismo juvenil de jovens de 15 a 24 anos residentes nas nove principais regiões metropolitanas do país⁵, mostraram que quase metade dos jovens nessa condição trabalhava e que havia uma clara relação entre condição de alfabetismo e ocupação no mercado de trabalho. Enquanto os de nível pleno concentravam-se nos setores de serviços de transporte, comunicação, saúde e educação, os de nível

⁴ O Inaf constitui-se de um *survey* que articula testes cognitivos com questionários de contextualização sociodemográfica, econômica, cultural e educacional. São realizadas entrevistas domiciliares e a amostra é estratificada com alocação proporcional à população brasileira.

⁵ Ao total, foram entrevistados 1.008 jovens das seguintes regiões metropolitanas: Salvador, Fortaleza, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Brasília.

básico atuavam prioritariamente no comércio, sendo que os jovens analfabetos funcionais estavam concentrados na agricultura, construção e serviços domésticos.

O estudo anterior, entretanto, não abordou as práticas de letramentos dessa população em cada uma dessas condições, algo que foi explorado de maneira mais detida em estudos das mesmas instituições em parceria com o Cenpec⁶. Ribeiro, Batista e Lima (2011) mostraram que significativa proporção de jovens apresentava práticas de letramento e de numeramento limitadas, em contraposição a altas aspirações educacionais e profissionais. Muitos jovens estavam em trabalhos e ocupações com baixa remuneração e com restritas demandas de leitura, escrita e resolução de problemas (com enfoque em habilidades matemáticas), que conformavam um cenário comum aos jovens não somente no âmbito do trabalho, mas também na esfera do lazer e da escola. Nesse estudo, assim como em pesquisa de Ribeiro (1999), constatava-se que o trabalho era um importante preditor da condição de alfabetismo de uma determinada população.

Destacar o mundo do trabalho como uma das importantes agências de promoção de práticas de letramento e de numeramento e analisar de que maneira ele colabora para o desenvolvimento ou não do alfabetismo em determinados contextos é o esforço que nos propomos aqui, avançando a partir dos resultados de pesquisas anteriores citadas. Em especial, destacamos o mundo do trabalho como um dos espaços possíveis no qual algumas competências letradas podem se desenvolver a depender das exigências colocadas ou não pelas tarefas desempenhadas.

Este novo estudo permite ainda identificar como se distribui a população pesquisada segundo os grupos de alfabetismo nos diferentes setores econômicos, posições hierárquicas e funções, evidenciando características da força de trabalho no país e sugerindo enfoques para novas investigações que permitam estimar seu impacto e identificar caminhos para promover avanços efetivos, em espaços e tempos compatíveis com a urgência que os dados evidenciam.

Ao buscarmos respostas para as indagações indicadas acima, realizamos uma reconfiguração dos níveis da escala de alfabetismo do Inaf, que passamos a organizar em cinco grupos que retratam distintas condições de alfabetismo: Analfabeto, Rudimentar, Elementar, Intermediário e Proficiente. Esse novo agrupamento permitiu melhor distribuir a população anteriormente classificada nos níveis Básico e Pleno de alfabetismo, bem como melhor compreender as habilidades e práticas que compõem esses grupos a partir da revisão da escala de proficiência com base na análise dos itens que compõem o banco do Inaf. Desse modo, o novo agrupamento permitiu melhor discriminar o grupo dos alfabetizados funcionalmente, atendendo a uma crescente demanda por uma análise mais detalhada dos subgrupos que o compõem.

Outras decisões giraram em torno da manutenção da extensão da prova, mantendo-se com 32 itens, sendo 90% deles já utilizados tradicionalmente pelo Inaf. Foram incorporados itens novos relacionados a práticas de multiletramentos no uso de TIC e modificado substancialmente o questionário socioeconômico e

⁶ Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.

de contexto. No conjunto, foram entrevistadas 2.002 pessoas entre 15 e 64 anos de idade residentes em zonas urbanas e rurais de todas as regiões do país.

Assim como o Inaf, este estudo valeu-se de um *survey* que articula testes cognitivos com questionários de contextualização sociodemográfica, econômica, cultural e educacional. Para tanto, são realizadas entrevistas domiciliares e a amostra é estratificada com alocação proporcional à população brasileira em cada região. Dentro de cada uma das regiões, são selecionadas amostras probabilísticas em três estágios (sorteio de municípios e setores censitários, por meio do método Probabilidade Proporcional ao Tamanho) e seleção de pessoas a serem entrevistadas por cotas proporcionais segundo sexo, idade, escolaridade e condição de ocupação. Os resultados finais são analisados pela Teoria da Resposta ao Item.

Os cinco grupos da escala de proficiência

O processo de aprimoramento dos níveis da escala de proficiência foi possível em função do número de itens parametrizados atualmente disponíveis no banco de itens Inaf e pela realização de releituras pedagógicas da escala a partir desses mesmos itens. Assim, foram estabelecidos novos intervalos para os antigos níveis Básico e Pleno, conforme apresentam os quadros 1 e 2.

Quadro 1 – Cortes dos grupos de alfabetismo e intervalo na escala de proficiência Inaf – 2008-2011

Grupos de alfabetismo	Intervalo
Analfabeto	$0 < x < 50$
Rudimentar	$50 < x < 95$
Básico	$95 < x < 125$
Pleno	125 ou mais

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2 – Cortes dos grupos de alfabetismo e intervalo na escala de proficiência do estudo especial – 2015

Grupos de alfabetismo	Intervalo
Analfabeto	$0 < x \leq 50$
Rudimentar	$50 < x \leq 95$
Elementar	$95 < x \leq 119$
Intermediário	$119 < x \leq 137$
Proficiente	>137

Fonte: Elaboração própria.

Nessa nova configuração, são mantidos os cortes nos pontos 50 (entre os antigos níveis Analfabeto e Rudimentar) e 95 (entre os antigos níveis Rudimentar e Básico), mantendo a equivalência entre grupo 1 e grupo Analfabeto e grupo 2 e grupo Rudimentar. O corte anteriormente estabelecido em 125 (entre os antigos níveis Básico e Pleno) foi reduzido para o ponto 119, criando um novo corte no ponto 137. Em resumo, os níveis Básico e Pleno deram origem aos grupos 3, 4 e 5 e continuam correspondendo aos Funcionalmente Alfabetizados.

Já o Quadro 3 apresenta as habilidades que caracterizam os cinco grupos de alfabetismo, além dos cortes estabelecidos para cada grupo de complexidade da escala, construída a partir dos itens aplicados no

teste. Desse modo, espera-se que indivíduos localizados nos grupos superiores da escala revelem as habilidades descritas no grupo correspondente e acumulem também o domínio das habilidades dos grupos anteriores.

Quadro 3 - Escala de proficiência

Grupos	Escala especial para estudo Alfabetismo e mundo do trabalho
Analfabeto ($0 < x \leq 50$)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços, etc.).
Rudimentar ($50 < x \leq 95$)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Localiza uma ou mais informações explícitas, expressas de forma literal, em textos muito simples (calendários, tabelas simples, cartazes informativos) compostos de sentenças ou palavras que exploram situações familiares do cotidiano doméstico. ▪ Compara, lê e escreve números familiares (horários, preços, cédulas/moedas, telefone) identificando o maior/menor valor. ▪ Resolve problemas simples do cotidiano envolvendo operações matemáticas elementares (com ou sem uso da calculadora) ou estabelecendo relações entre grandezas e unidades de medida. ▪ Reconhece sinais de pontuação (vírgula, exclamação, interrogação, etc.) pelo nome ou função.
Elementar ($95 < x \leq 119$)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Seleciona uma ou mais unidades de informação, observando certas condições, em textos diversos de extensão média realizando pequenas inferências. ▪ Resolve problemas envolvendo operações básicas com números da ordem do milhar, que exigem certo grau de planejamento e controle (total de uma compra, troco, valor de prestações sem juros). ▪ Compara ou relaciona informações numéricas ou textuais expressas em gráficos ou tabelas simples, envolvendo situações de contexto cotidiano doméstico ou social. ▪ Reconhece significado de representação gráfica de direção e/ou sentido de uma grandeza (valores negativos, valores anteriores ou abaixo daquele tomado como referência).
Intermediário ($119 < x \leq 137$)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Localiza informação expressa de forma literal em textos diversos (jornalístico e/ou científico) realizando pequenas inferências. ▪ Resolve problemas envolvendo operações matemáticas mais complexas (cálculo de porcentagens e proporções) da ordem dos milhões, que exigem critérios de seleção de informações, elaboração e controle em situações diversas (valor total de compras, cálculos de juros simples, medidas de área e escalas); ▪ Interpreta e elabora síntese de textos diversos (narrativos, jornalísticos, científicos), relacionando regras com casos particulares a partir do reconhecimento de evidências e argumentos e confrontando a moral da história com sua própria opinião ou senso comum. ▪ Reconhece o efeito de sentido ou estético de escolhas lexicais ou sintáticas, de figuras de linguagem ou sinais de pontuação.
Proficiente (>137)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Elabora textos de maior complexidade (mensagem, descrição, exposição ou argumentação) com base em elementos de um contexto dado e opina sobre o posicionamento ou estilo do autor do texto. ▪ Interpreta tabelas e gráficos envolvendo mais de duas variáveis, compreendendo elementos que caracterizam certos modos de representação de informação quantitativa (escolha do intervalo, escala, sistema de medidas ou padrões de comparação) reconhecendo efeitos de sentido (ênfases, distorções, tendências, projeções). ▪ Resolve situações-problema relativos a tarefas de contextos diversos, que envolvem diversas etapas de planejamento, controle e elaboração, que exigem retomada de resultados parciais e o uso de inferências.

Fonte: Elaboração própria.

Contextualização

Apresentamos a seguir os resultados gerais do estudo sobre alfabetismo, sem abordar por ora as relações com o mundo do trabalho. Nesta seção, os dados de condições de alfabetismo estão dispostos a partir de variáveis como escolaridade, sexo, raça/cor e faixa etária, provendo um cenário mais amplo dos resultados do estudo antes de se aprofundar nas questões relacionadas ao mundo do trabalho e suas intersecções com as condições de alfabetismo.

Perfil da população pesquisada

Como citado na seção Metodologia, a amostra é estratificada com alocação proporcional à população brasileira em cada região. Dentro de cada uma das regiões, são selecionadas amostras probabilísticas em três estágios (sorteio de municípios e setores censitários, por meio do método Probabilidade Proporcional ao Tamanho) e seleção de pessoas a serem entrevistadas por cotas proporcionais segundo sexo, idade, escolaridade e condição de ocupação. O universo considerado é, portanto, a totalidade das pessoas jovens, adultas e idosas com idade entre 15 e 64 anos, residentes tanto de zonas rurais quanto urbanas do Brasil.

Na amostra realizada para este estudo, as mulheres representam 52% e os homens, 48% da população pesquisada. Do total, 46% se declararam pardos, 38% brancos, 13% pretos e apenas 2% amarelos ou indígenas. Em termos educacionais, 44% declararam estar cursando ou ter cursado até o ensino fundamental, 40% o ensino médio e apenas 17% a educação superior.

Da amostra, 63% informaram estar trabalhando (desses, 24% estavam no setor de comércio, 10% na construção, 10% nos serviços domésticos e 10% na indústria) 10% desempregados(as), 3% procuravam o primeiro emprego, 5% estavam aposentados(as) e 7% estavam em situações como pensionista, viviam de renda ou nunca haviam trabalhado e nem estava procurando emprego; 11% estavam na condição de dona de casa.

Alfabetismo na população brasileira

A tabela a seguir apresenta a distribuição dos respondentes nos cinco grupos de alfabetismo definidos a partir dos cortes da escala.

Tabela 1 – Distribuição da população pesquisada por grupo de alfabetismo

Grupo	%	N ° de respondentes
Analfabeto	4%	88
Rudimentar	23%	457
Elementar	42%	843
Intermediário	23%	453
Proficiente	8%	161
Total	100%	2002
Analfabeto + rudimentar: analfabetos funcionais	27%	545
Elementar, intermediário e proficiente: alfabetizados funcionalmente	73%	1.457

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados indicam que:

- 27% das pessoas foram classificadas como analfabetas funcionais, sendo apenas 4% correspondente ao grupo de pessoas consideradas analfabetas, já que não conseguem realizar tarefas simples que envolvam leitura de palavras e frases. Pode-se afirmar que a quantidade de pessoas com idade entre 15 e 64 anos nessa condição se mantém estável na comparação com os resultados obtidos em 2011 na última edição do Inaf Brasil, que utilizou o mesmo corte utilizado neste estudo (menos de 95 pontos na escala Inaf).
- Do mesmo modo, a quantidade de pessoas classificadas como alfabetizadas funcionalmente alcança 73% da população investigada, o que também revela a manutenção do resultado obtido em 2011 no Inaf Brasil, que utilizou o mesmo corte para esse grupo (95 ou mais pontos na escala Inaf).
- O grupo Rudimentar concentra aquela população que realiza tarefas de simples localização de informações explícitas, expressas de forma literal, e operações matemáticas básicas, mas que dificilmente conseguem localizar mais de uma informação em textos de extensão média.
- A maior parte dos respondentes, 42%, foi classificada no grupo elementar, no qual, realizam a leitura de uma ou mais unidades de informação em textos diversos de extensão média realizando pequenas inferências e resolvem problemas envolvendo operações básicas com exigência de algum grau de planejamento e controle.
- Cerca de um quarto do total (23%) estava na condição Intermediário, revelando habilidades de leitura, escrita e resolução de problemas condizentes com a localização de múltiplas informações, a resolução de problemas matemáticos complexos e com capacidade de sintetizar ideias centrais de textos e captar efeitos de sentido.
- Apenas 8% dos respondentes estão no último grupo de alfabetismo, revelando domínio de habilidades que praticamente não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais e resolvem problemas envolvendo múltiplas etapas, operações e informações.

A proficiência média dos participantes no teste foi de 105,1 pontos; sendo de 35,1 pontos o escore médio do grupo classificado como Analfabeto; 77,9 pontos do grupo Rudimentar; 107,6 pontos do grupo Elementar; 126,8 pontos do grupo Intermediário e, por fim, 146,0 pontos a proficiência média do grupo Proficiente.

Alfabetismo e escolaridade

A escolaridade revela-se como um dos principais fatores explicativos da condição de alfabetismo. Há uma maior proporção de participantes nos grupos de maior desempenho na escala de alfabetismo conforme maior a escolaridade desses sujeitos. Entretanto, observa-se também que essa relação não ocorre de maneira uniforme ou linear: significativa proporção de pessoas que, mesmo tendo chegado ao ensino médio e à educação superior, por exemplo, não consegue alcançar o grupo mais alto da escala de alfabetismo.

Tabela 2 – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e escolaridade (% nos grupos)

<i>Base</i>	Total 2002		Analfabeto 88	Rudimentar 457	Elementar 843	Intermediário 453	Proficiente 161
Nenhuma	97	5%	59%	8%	1%	0%	0%
Ens. Fund. - Anos iniciais	320	16%	30%	37%	12%	4%	2%
Ens. Fund. - Anos finais	459	23%	10%	32%	29%	11%	7%
Ens. Médio	795	40%	1%	20%	45%	55%	45%
Ed. Superior ou mais	331	17%	0%	3%	13%	31%	45%
Total	2.002	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2a – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e escolaridade (% na escolaridade)

<i>Base</i>	Total 2002		Analfabeto 88	Rudimentar 457	Elementar 843	Intermediário 453	Proficiente 161
Ens. Fund. - Anos iniciais	417	100%	19%	49%	27%	4%	1%
Ens. Fund. - Anos finais	459	100%	2%	32%	53%	10%	3%
Ens. Médio	795	100%	0%	11%	48%	31%	9%
Ed. Superior ou mais	331	100%	0%	4%	32%	42%	22%
Total	2.002	100%	4%	23%	42%	23%	8%

Fonte: Elaboração própria.

Nota: O grau de escolaridade indicado na tabela informa sobre o ingresso do sujeito na etapa descrita e não a conclusão da mesma.

Sobre essas relações entre alfabetismo e escolaridade, destaca-se que:

- Entre as pessoas que não frequentaram a escola ou têm no máximo quatro anos de escolaridade, mais de dois terços (67%) permanecem na condição de analfabetismo funcional (Tabela 2), com 49% chegando ao grupo Rudimentar. O grupo Elementar concentra 27% desse segmento, 4% chegam ao grupo Intermediário e somente 1% atinge a condição de alfabetismo condizente com o último grupo da escala (Tabela 2a).
- A maior parte dos indivíduos que ingressaram ou concluíram os anos finais do ensino fundamental atinge a condição de alfabetismo condizente com o grupo Elementar da escala (53%). Vale notar, no entanto, que mais de um terço das pessoas nessa faixa de escolarização (34%) ainda podem ser classificadas na condição de analfabetismo funcional.

- Entre as pessoas que cursaram algum ano ou terminaram o ensino médio, registramos que menos da metade (48%) atinge, no máximo, o grupo Elementar, 31% ficam no grupo Intermediário e apenas 9% não demonstram restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais e resolvem problemas envolvendo múltiplas etapas, operações e informações (grupo Proficiente).
- A grande maioria de quem chegou ou concluiu a educação superior permanece nos grupos Elementar (32%) e Intermediário (42%), enquanto apenas 22% situam-se na condição de Proficiente da escala considerada.

Alfabetismo, sexo, faixa etária e raça/cor

A análise dos resultados de condição de alfabetismo segundo a variável sexo confirma a tendência observada nas edições anteriores do Inaf ao mostrar que as mulheres têm, em média, um desempenho ligeiramente superior ao dos homens, refletindo os melhores indicadores educacionais das mulheres (RIBEIRO ET AL, 2015, p. 34-35). Enquanto as mulheres representam 52% da população brasileira entre 15 e 64 anos, elas correspondem a 43% das pessoas do grupo Analfabeto e a 48% do grupo Rudimentar; já do grupo Elementar da escala de alfabetismo, as mulheres representam 56% do total. Ainda segundo os dados da Tabela 3, no entanto, nas faixas seguintes da escala de proficiência, a situação se altera: homens e mulheres estão distribuídos no grupo Intermediário proporcionalmente a seu peso na população (48% homens *versus* 52% mulheres) e os homens passam a ser maioria na condição Proficiente.

Tabela 3 – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e sexo (% por grupos)

Base	Total 2.002		Analfabeto 88	Rudimentar 457	Elementar 843	Intermediário 453	Proficiente 161
Masculino	967	48%	57%	52%	44%	48%	54%
Feminino	1.035	52%	43%	48%	56%	52%	46%
Total	2.002	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3a – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e sexo (% por sexo)

Base	Total 2.002		Analfabeto 88	Rudimentar 457	Elementar 843	Intermediário 453	Proficiente 161
Masculino	967	100%	5%	25%	39%	23%	9%
Feminino	1.035	100%	4%	21%	45%	23%	7%
Total	2.002	100%	5%	25%	39%	23%	9%

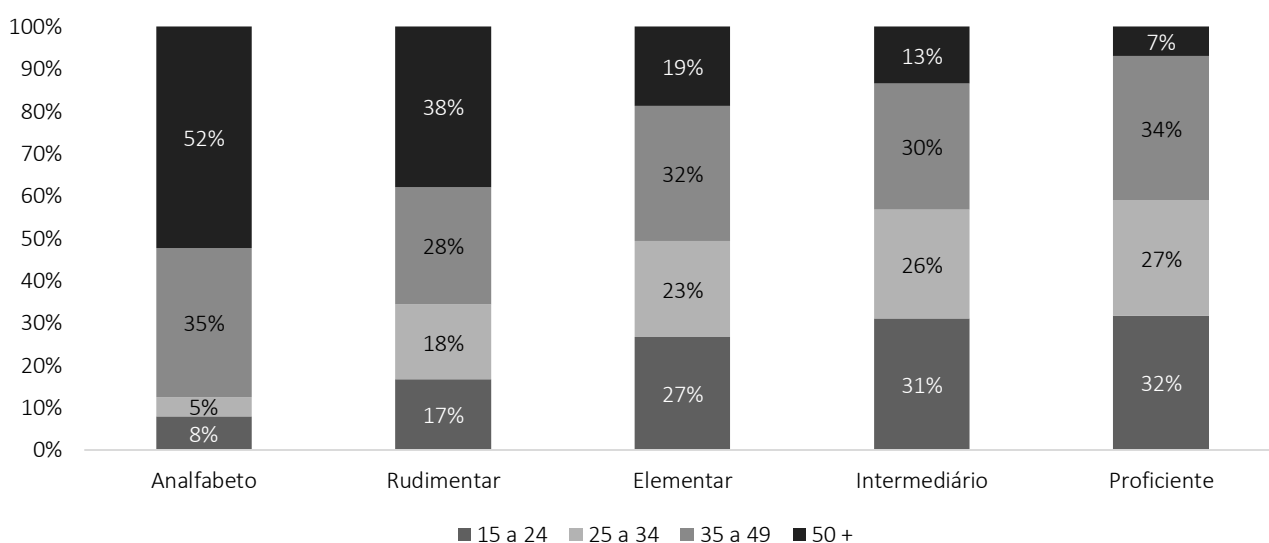
Fonte: Elaboração própria.

De forma complementar, os dados da Tabela 3a revelam que 30% dos homens brasileiros entre 15 e 64 anos podem ser considerados na condição de analfabetismo funcional (somando-se aqueles do grupo Analfabeto e Rudimentar), sendo que esta proporção é de 25% junto às mulheres. Por outro lado, vemos

também que somente 9% dos homens e 7% das mulheres nessa mesma faixa etária alcançam o grupo Proficiente da escala de proficiência.

No que se refere à faixa etária, mantêm-se a tendência indicada nos estudos anteriores do Inaf de que os mais jovens obtêm desempenho significativamente superior em comparação aos dos segmentos de idades mais avançadas, que concentram maior presença de pessoas na condição de analfabetismo (RIBEIRO ET AL, 2015, p. 33). Essa situação reflete os esforços em termos de políticas educacionais nas últimas décadas de expansão do atendimento na educação básica de crianças e adolescentes e, logo, os fracos resultados em termos de políticas educacionais voltadas a pessoas adultas e idosas.

Gráfico 2 – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e faixa etária



Fonte: Elaboração própria.

A partir dos dados do Gráfico 2, verifica-se:

- Maior predominância da população com idade acima de 50 anos entre os níveis inferiores da escala: Analfabeto (52%) e Rudimentar (38%) e reduzido percentual de pessoas dessa faixa etária entre os grupos nos intervalos mais altos da escala de proficiência, grupo Intermediário (13%) e Proficiente (7%).
- Menor proporção dos segmentos mais jovens (entre 15 e 24 anos) nos níveis mais baixos, Analfabeto (8%) e Rudimentar (17%), fazendo com que 25% desse grupo situem-se na condição de analfabetismo funcional. É necessário salientar que parte dos jovens ainda está em processo de formação escolar.
- A população na faixa de 25 a 34 anos, atinge o grupo Proficiente na mesma proporção da geração anterior, entre 35 e 49 anos, mesmo com 71% das pessoas já tendo ingressado no ensino médio – proporção essa que é de 53% na faixa etária de 35 a 49 anos.

O estudo também abordou uma importante variável, a questão de raça/cor. Tendo em vista o peso da escolarização enquanto um fator explicativo das condições de alfabetismo aqui estudadas e o acesso desigual à educação para os diferentes grupos étnico-raciais, os dados a seguir apresentam diferenças sensíveis entre negros e não-negros, em que pese os avanços das políticas educacionais nas últimas décadas (RIBEIRO ET AL, 2015, p. 36) e que não necessariamente superaram o problemático quadro de desigualdades sociais e educacionais. A tabela a seguir apresenta o resultado para cada grupo de alfabetismo por cor/raça.

Tabela 4 – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e cor/raça (% na cor/raça)

<i>Bases</i>	Total		Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente
	2002		88	457	843	453	161
Branca	768	38%	19%	34%	38%	43%	48%
Preta/ Negra	266	13%	19%	16%	13%	10%	9%
Parda	919	46%	58%	48%	45%	45%	39%
Amarela/Indígena	49	2%	3%	1%	3%	2%	4%
Total	2.002	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 4a – Distribuição da população pesquisa por grupos de alfabetismo e cor/raça (% na cor/raça)

<i>Bases</i>	Total		Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente
	2002		88	457	843	453	161
Branca	768	100%	2%	20%	42%	25%	10%
Preta/ Negra	266	100%	6%	28%	42%	18%	6%
Parda	919	100%	6%	24%	41%	22%	7%
Amarela	32	100%	9%	13%	47%	19%	13%
Indígena	17	100%	0%	6%	71%	12%	12%

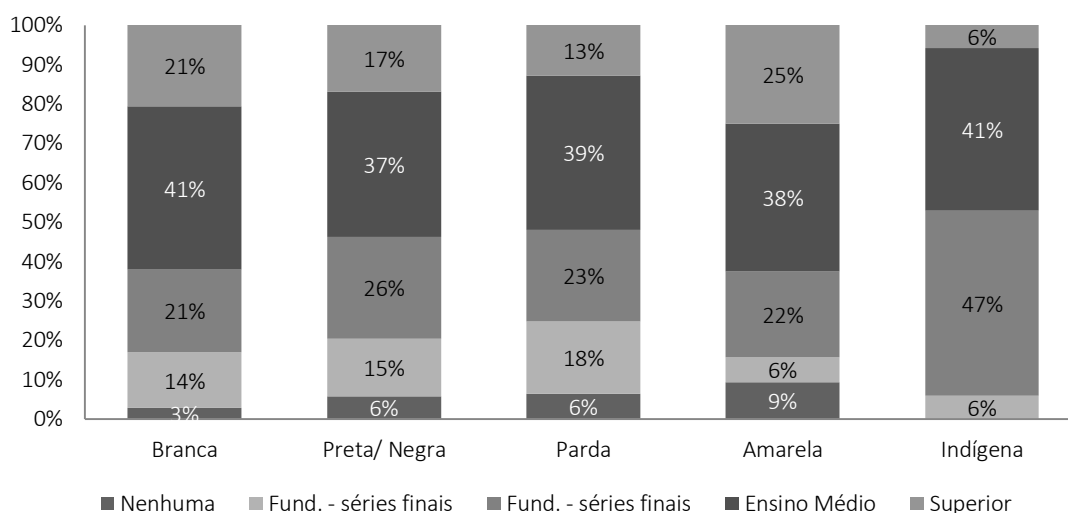
Fonte: Elaboração própria.

A partir dos dados verifica-se:

- Se, de um lado, a população preta/negra ou parda representa 69% da população de 15 a 64 anos, de outro, esses mesmos grupos concentram 77% das pessoas na condição de analfabetismo e apenas 48% daqueles no grupo Proficiente, segundo os dados da Tabela 4.
- Ao mesmo tempo, a população branca, que nos critérios considerados representa 38%, tem 19% na condição de analfabetismo e 48% no grupo Proficiente, segundo a Tabela 4.

Como dito, essas diferenças estão fortemente relacionadas com o perfil de escolaridade de cada um dos grupos populacionais e com o acesso diferenciado e desigual de cada um deles ao direito à educação: mais baixa na população negra, seguida pela parda e sucessivamente pela branca, como se pode observar no gráfico a seguir.

Gráfico 3 – Distribuição da população pesquisada por escolaridade e cor/raça



Fonte: Elaboração própria.

É preciso lembrar que, dentro dos critérios da amostra utilizados, em termos educacionais, 44% declararam estar cursando ou ter cursado até o ensino fundamental, 40% o ensino médio e apenas 17% a educação superior. Assim, ao observar os dados de escolaridade segundo cor/raça no Gráfico 3, percebemos que:

- Dentre os brasileiros de 15 a 64 anos que se declararam brancos, apenas 17% chegaram até os anos iniciais do ensino fundamental, enquanto que essa proporção foi de 21% entre pretos/negros e 22% entre pardos.
- As proporções dos que atingiram os anos finais do ensino fundamental segue distribuição semelhante, com negros/pretos e pardos em situação ligeiramente pior em termos de indicadores educacionais: 21% dos brancos, 26% de pretos/negros e 23% de pessoas pardas.
- Já dentre aqueles que chegaram ao ensino médio ou à educação superior, as diferenças se tornam maiores: enquanto 62% dos brancos estão nessa condição, essa proporção atinge 54% entre pretos/negros e 52% entre os pardos.

Alfabetismo e mundo do trabalho

Desta seção em diante, abordamos as condições de alfabetismo a partir de diversas variáveis relacionadas ao mundo de trabalho tais como situação de trabalho, setor da economia, ocupação principal, tipo de vínculo, renda, entre outros. Destacamos que, em um próximo relatório complementar a este, serão abordados os dados de condição de alfabetismo e práticas de letramento e de numeramento segundo as funções desempenhadas pelos respondentes, esforço analítico ímpar nas pesquisas relacionados ao modelo tradicional do Inaf.

Como demonstram os dados da Tabela 5, na amostra pesquisada, 63% dos entrevistados estavam trabalhando, 10% estavam desempregados e apenas 5% estavam aposentados. Do total, 11% eram donas de casa, categorizadas a parte justamente para ressaltar sua condição de trabalho não remunerado.

Tabela 5 – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e situação atual de trabalho (% nos grupos)

<i>Base</i>	Total		Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente
	2002	100%	88	457	843	453	161
Está trabalhando	1267	63%	47%	60%	62%	68%	75%
Está desempregado	199	10%	13%	9%	12%	9%	6%
Procura primeiro emprego	61	3%	2%	2%	3%	4%	5%
Está aposentado	101	5%	15%	9%	4%	3%	1%
É dona de casa	228	11%	16%	14%	13%	8%	6%
Outra situação (vive de renda, recebe pensão, inválido, etc.)	38	2%	6%	3%	2%	2%	0%
Nunca trabalhou e não está procurando emprego	108	5%	2%	4%	5%	7%	7%
Total	2.002	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 5a – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e situação atual de trabalho (% na situação atual de trabalho)

<i>Base</i>	Total		Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente
	2002	100%	88	457	843	453	161
Está trabalhando	1267	100%	3%	22%	41%	24%	9%
Está desempregado	199	100%	6%	21%	49%	20%	5%
Procura primeiro emprego	61	100%	3%	16%	39%	28%	13%
É dona de casa	228	100%	6%	28%	46%	15%	4%

Fonte: Elaboração própria.

Com efeito, nosso estudo indica que há uma relação entre a condição de alfabetismo e a situação de trabalho da população estudada. Nesse sentido, os dados apontam que:

- 75% daqueles que estão na condição Proficiente da escala de alfabetismo estavam trabalhando e apenas 6% estavam desempregados, segundo a Tabela 5, e, do lado oposto da escala de alfabetismo, o retrato é parecido: a maioria das pessoas na condição Analfabeto estava trabalhando e 13% estavam desempregados. Ainda segundo a mesma tabela, nos grupos intermediários da escala, há pouca diferença entre a proporção de empregados: 60% no Rudimentar, 62% no Elementar e 68% no Intermediário.
- Verifica-se que apenas um em cada três pessoas de 15 a 64 anos e que estava trabalhando estão nos grupos Intermediário (24%) e Proficiente (9%) da escala de alfabetismo, segundo a Tabela 5a.
- Três em cada quatro pessoas entre 15 e 64 e que estavam desempregadas alcançavam até Elementar da escala, também segundo a Tabela 5a.
- Há uma nítida desvantagem para aquelas pessoas que declararam serem donas de casa, grupo majoritariamente formado por mulheres: 34% estão na condição de analfabetismo

funcional, enquanto que as demais (empregado, desempregado, procurando primeiro emprego) não atingiam mais de 27%, segundo a Tabela 5a.

De maneira geral, os dados apontam que, mesmo entre as pessoas consideradas na condição de Analfabeto, havia significativa proporção de pessoas trabalhando, sendo maior a cada grupo de alfabetismo da escala. É importante destacar que, dentre as pessoas que declararam estar trabalhando na época da pesquisa, estão incluídas situações formais e informais de trabalho e, para cada situação dessa, há especificidades de perfil de escolaridade e também de condição de alfabetismo, uma vez que o mercado formal de trabalho apresenta seletividade em relação à escolaridade, enquanto trabalhadores por conta própria já apresentam um perfil de menor escolaridade (RIBEIRO ET AL., 2015, p. 40-43).

Por outro lado, partindo de metodologias semelhantes, porém com um escopo e amostras diferentes, os resultados deste estudo parecem reforçar, até certo ponto, os dados da OCDE sobre o tema do alfabetismo e suas interconexões com o mundo do trabalho que, já nos anos 1990, indicava a tendência de que as pessoas com menor desempenho em termos de alfabetismo têm maior possibilidade de ficar desempregadas (MURRAY; KIRSCH; JENKINS, 1998). Contudo, para complementar estudos como esse que tratam da empregabilidade do trabalhador, ainda é preciso aprofundar, sobretudo no caso brasileiro, a identificação e a análise das práticas de letramento e de numeramento em contexto de trabalho de modo a compreender quais são as exigências reais dos postos de trabalho. Vale destacar que não parece haver uma diferença significativa no tempo de permanência na situação de desemprego, já que em todos os níveis de alfabetismo o tempo em que está desempregado varia entre 1,9 anos (Básico I, base 40 entrevistas) a 2,9 (tanto nos analfabetos – 11 casos – quanto nos plenos – 9 casos).

Tabela 6 – Distribuição da população pesquisa por grupos de alfabetismo e tempo médio que está na situação atual de trabalho

Situação atual de trabalho	Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente	Total
Está trabalhando	18,2	12,9	9,3	8,9	7,6	10,1
Está desempregado	2,9	2,6	1,9	2,3	2,9	2,2
Está aposentado	8,5	6,8	8,2	6,3	7,5	7,4

Fonte: Elaboração própria.

Alfabetismo e setor da economia

As tabelas a seguir apresentam dados que possibilitam refletir sobre as relações entre o alfabetismo e mundo do trabalho a partir das categorias de setor da economia. É preciso destacar que os resultados apresentados a seguir fornecem mais um panorama do que um retrato amostral da realidade brasileira, uma vez que setor de economia não é um critério de montagem da amostra.

Levando em conta a inserção daqueles que trabalham (63%) ou já trabalharam (8,5%), ainda que hoje estejam desempregados (10%), aposentados (5%) ou inativos e sua inserção nos setores econômicos, em um primeiro olhar para as informações da Tabela 5, é possível notar que parte significativa dos respondentes estava dedicada a trabalhos e profissões no comércio (22%), serviços domésticos (10%), indústria extrativista e de transformação (10%), construção civil (10%) e agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (8%), tradicionalmente setores que demanda uso intensivo de mão de obra com menores exigências de qualificações profissionais.

Tabela 7 – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e setor da economia em que trabalham/trabalharam (% nos grupos)

Setores	Total		Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente
	Total	%					
BASE	1737	100%	76	394	735	395	137
Comércio (inclui reparação de veículos)	383	22%	9%	19%	22%	26%	29%
Serviços domésticos	182	10%	21%	15%	11%	5%	2%
Indústria extrativista e de transformação	173	10%	4%	9%	13%	9%	4%
Construção civil	169	10%	17%	14%	10%	6%	4%
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	146	8%	39%	18%	5%	2%	1%
Alojamento e alimentação	127	7%	3%	6%	8%	9%	7%
Atividades administrativas + Financeiras	99	6%	3%	4%	7%	7%	6%
Educação	91	5%	0%	2%	4%	9%	11%
Transporte, armazenagem e correio	82	5%	1%	5%	4%	7%	5%
Administração pública, defesa e seguridade social + Concessionárias de serviços públicos (Eletricidade e gás, Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos...)	66	4%	0%	2%	3%	7%	6%
Saúde e serviços sociais	63	4%	3%	3%	4%	3%	5%
Prestação de Serviços (Outros)	51	3%	0%	2%	2%	4%	7%
Informação + Artes + Atividades profissionais, científicas e técnicas	32	2%	0%	1%	2%	2%	6%
Não sabe/não respondeu	25	1%	0%	1%	1%	4%	1%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 7a – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e setor da economia em que trabalham/trabalharam (% nos setores)

Setores	Total		Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente
	Total	%					
<i>BASE</i>	1737	100%	76	394	735	395	137
Comércio (inclui reparação de veículos)	383	100%	2%	19%	42%	26%	10%
Serviços domésticos	182	100%	9%	33%	46%	10%	2%
Indústria extrativista e de transformação	173	100%	2%	21%	54%	21%	3%
Construção	169	100%	8%	33%	42%	14%	3%
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	146	100%	21%	49%	24%	6%	1%
Alojamento e alimentação	127	100%	2%	19%	46%	27%	7%
Atividades administrativas + Financeiras	99	100%	2%	14%	49%	26%	8%
Educação	91	100%	0%	8%	36%	40%	16%
Transporte, armazenagem e correio	82	100%	1%	22%	37%	32%	9%
Administração pública, defesa e seguridade social + Concessionárias de serviços públicos (Eletricidade e gás, Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos...)	66	100%	0%	11%	36%	41%	12%
Saúde e serviços sociais	63	100%	3%	16%	52%	17%	11%
Prestação de Serviços (Outros)	51	100%	0%	18%	33%	29%	20%
Informação + Artes + Atividades profissionais, científicas e técnicas	32	100%	0%	6%	41%	28%	25%
Não sabe/não respondeu	25	100%	0%	8%	32%	56%	4%

Fonte: Elaboração própria.

Como demonstram os dados das tabelas 5 e 5a, destaca-se que:

- Dentre o grupo de Analfabeto e Rudimentar, predominam aquelas pessoas dedicadas a Serviços domésticos, Comércio, Construção ou a atividades ligadas à Agricultura, Pecuária, Produção florestal, Pesca e Aquicultura, segundo dados da Tabela 5. A mesma tabela indica também que que setores que demandam maiores exigências em termos de qualificações profissionais de seus trabalhadores tais como Educação (56%), Informação, Comunicação e Artes (53%) e Administração pública, Defesa e Seguridade social (53%), aparecem com significativas proporções de respondentes localizados nos grupos Intermediário e Proficiente, ou seja, na condição de funcionalmente alfabetizadas.
- Alguns setores apresentam um perfil da força de trabalho com maior proporção de de pessoas considerados do grupo Proficiente, medida essa que significativamente maior do que aquela encontrada na média da população (8%). São eles: Administração pública e Concessionárias de serviços (12%), Informação e Artes (25%) bem como o setor de Educação (16%).
- Seguem os setores que reúnem as atividades administrativas e financeiras (com 12% na condição compatível com o grupo Proficiente de alfabetismo dentre os que nela atuam), Saúde e Serviços Sociais (11%), Transporte (9%) e Comércio (10%), sendo que este último reúne a maior parcela (praticamente 1 em cada 4) da população ativa brasileira.

- No setor industrial, que crescentemente requer a adoção de métodos de produção tecnologicamente sofisticados, registra ainda 2% na condição de Analfabetos e 21% de pessoas no grupo Rudimentar de alfabetismo.
- Um em cada cinco trabalhadores do setor agropecuário (20%), um dos setores mais competitivos na economia nacional, são 70% podem ser considerados analfabetos funcionais, sendo 20% ainda na condição de Analfabetos.
- Nos serviços domésticos, 9% eram analfabetos e 33% estavam no grupo Rudimentar, indicando que 42% dos trabalhadores do setor que responderam podem ser considerados analfabetos funcionais de acordo com a escala.

Alfabetismo e ocupação principal

Em termos de trajetória no mundo do trabalho, ao selecionar aqueles que trabalham (63%) ou já trabalharam (8,5%), ainda que hoje estejam desempregados (10%), aposentados ou inativos (5%), é possível ver grande concentração (77%) em três principais ocupações principais: trabalhadores de nível técnico e operacional, geralmente dentro da lógica do mercado formal de trabalho, e trabalhadores por conta própria (dentro ou fora de casa), conforme se apresentam os dados da tabela a seguir.

Tabela 8 – Distribuição da população pesquisada por grupo de alfabetismo e tipo de ocupação (% nos grupos)

	Total		Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente
<i>Bases</i>	1737		76	394	735	395	137
	100%		100%	100%	100%	100%	100%
Direção/gerência no setor público ou privado e Especialistas de nível superior	44	3%	1%	1%	2%	4%	8%
Coordenação/supervisão/empregado de nível técnico no setor público ou privado (inclui trainees) e Especialistas de nível técnico	309	18%	4%	12%	16%	24%	32%
Atividade operacional/ não especialista no setor público ou privado	660	38%	7%	31%	41%	45%	39%
Empresário/empreendedor/ microempresário	88	5%	0%	3%	6%	7%	7%
Conta própria dentro ou fora de casa	364	21%	41%	25%	22%	15%	10%
Serviço doméstico com ou sem carteira assinada	96	6%	25%	12%	3%	1%	1%
Pequeno produtor rural	156	9%	22%	13%	10%	4%	2%
Não sabe / Não respondeu	20	3%	1%	1%	2%	4%	8%

Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 8a – Distribuição da população pesquisada por grupo de alfabetismo e tipo de ocupação
(% nos tipos de ocupação)**

Bases	Total		Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente
	1737	100%	76 4%	394 23%	735 42%	395 23%	137 8%
Direção/gerencia no setor público ou privado e Especialistas com nível superior	44	100%	2%	11%	27%	34%	25%
Coordenação/supervisão/empregado de nível técnico no setor público ou privado (inclui trainees) e Especialistas de nível técnico	309	100%	1%	16%	39%	31%	14%
Atividade operacional/ não especialista no setor público ou privado	660	100%	1%	19%	45%	27%	8%
Empresário/empreendedor/microempresário	88	100%	0%	11%	47%	31%	11%
Conta própria dentro ou fora de casa	364	100%	9%	27%	44%	16%	4%
Serviço doméstico com ou sem carteira assinada	96	100%	20%	49%	26%	4%	1%
Pequeno produtor rural	156	100%	11%	33%	45%	9%	2%
Não sabe / Não respondeu	20	100%	2%	11%	27%	34%	25%

Fonte: Elaboração própria.

Pela leitura dos dados reportados nas duas tabelas, pode-se depreender que:

- A maior parte (38%) das pessoas objeto desta análise atuam ou atuavam como empregados em funções operacionais / não especializadas no setor público ou privado, segundo os dados da Tabela 8. Desses, 80% são alfabetizados funcionalmente, sendo 45% no grupo Elementar, 26% no Intermediário e 8% no Proficiente (Tabela 8a).
- Em seguida, vêm os trabalhadores por conta própria, que representam 21% do total do público aqui analisado, representando 41% do grupo considerado como Analfabeto e 25% do grupo Rudimentar, segundo os dados da Tabela 8. Nesse grupo, 36% estão na condição de analfabetos funcionais (Tabela 8a).
- Dentre os profissionais que atuam em cargos de direção, gerência ou profissionais liberais de nível superior, 25% podem ser considerados do grupo Proficiente. Já quando se consideram os profissionais que ocupam cargos de coordenação, supervisão e empregados de nível técnico, 14% são considerados Proficiente. Quanto aos empresários, a proporção na condição Proficientes é de 11%.
- Ocupações que envolvem a coordenação e supervisão de equipes bem como os especialistas de nível técnico têm 70% da população de referência entre os grupos Elementar e Intermediário: 83% estão na condição de funcionalmente alfabetizados, proporção próxima ao de diretores e cargos de gerência (86%).
- Um em cada quatro analfabetos (25%) desempenha funções relacionadas a serviços domésticos. Outros 41% realizam trabalhos por conta própria sem carteira assinada, como camelô ou ambulante. Ainda 22% desses atuam como pequenos produtores rurais. Apenas

2% dos que se encontravam no nível Proficiente de alfabetismo atuavam como pequeno produtor rural e 1% dos trabalhadores em serviços domésticos.

A escolaridade é um fator importante para compreender os níveis de alfabetismo e suas interconexões com a função desempenhada pelos respondentes, uma vez que as exigências de formação escolar são diferentes para cada setor da economia e para cada função exercida aqui analisadas. Seguramente, a escolaridade não explica a totalidade da estratificação do mercado de trabalho nos aspectos que estão sendo tratados aqui, mas certamente ajudam a ilustrar as situações exemplificadas anteriormente, quando apontamos as diferenças entre o perfil de alfabetismo entre gerências e operadores ou mesmo entre trabalhadores em serviços domésticos e profissionais liberais.

Tabela 9 – Distribuição da população ocupada por escolaridade e tipo de ocupação (% na escolaridade)

Ocupação	Total		Nenhuma	Escolaridade			
	N	%		Até Ens. Fund. - Anos iniciais	Até Ens. Fund. - Anos finais	Até Ensino Médio	Ensino Superior
Base	1737	100%	83 100%	279 100%	386 100%	688 100%	301 100%
Direção/gerencia no setor público ou privado e Especialistas de nível superior	44	3%	1%	0%	1%	2%	9%
Coordenação/gerência/empregado de nível técnico no setor público ou privado (inclui trainees) e Especialistas de nível técnico	309	18%	2%	11%	12%	17%	37%
Atividade operacional/não especialista no setor público ou privado	660	38%	13%	24%	39%	47%	36%
Empresário/empreendedor/microempresário	88	5%	1%	2%	4%	6%	7%
Conta própria dentro ou fora de casa	364	21%	30%	35%	23%	18%	9%
Serviço doméstico com ou sem carteira assinada	96	6%	28%	13%	6%	2%	1%
Pequeno produtor rural	156	9%	23%	13%	13%	7%	1%
Não sabe / Não respondeu	20	1%	1%	1%	1%	1%	0%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 9a – Distribuição da população ocupada por escolaridade e tipo de ocupação (% na ocupação)

Ocupação	Total		Escolaridade				
	N	%	Nenhuma	Até Ens. Fund. - Anos iniciais	Até Ens. Fund. – Anos finais	Até Ensino Médio	Educação Superior
<i>Base</i>	1737	100%	83 5%	279 16%	386 22%	688 40%	301 17%
Direção/gerencia no setor público ou privado e Especialistas de nível superior	44	100%	2%	2%	7%	30%	59%
Coordenação/gerência/empregado de nível técnico no setor público ou privado (inclui trainees) e Especialistas de nível técnico	309	100%	1%	10%	15%	38%	36%
Atividade operacional/não especialista no setor público ou privado	660	100%	2%	10%	23%	49%	16%
Empresário/empreendedor/microempresário	88	100%	1%	7%	19%	48%	25%
Conta própria dentro ou fora de casa	364	100%	7%	27%	24%	34%	8%
Serviço doméstico com ou sem carteira assinada	96	100%	24%	36%	26%	11%	2%
Pequeno produtor rural	156	100%	12%	23%	32%	31%	1%
Não sabe / Não respondeu	20	100%	5%	20%	20%	50%	5%

Fonte: Elaboração própria.

. Registra-se também que:

- As ocupações nas quais identificamos a maior presença de pessoas na condição Proficiente são aquelas em que verificamos também a maior escolaridade. É o que ocorre, por exemplo, nas funções de coordenação, supervisão e especialistas como professor, médico e advogado, os quais, têm, na sua maioria formação em educação superior. Também, no caso das funções operacionais não especializadas, a maioria dos trabalhadores possui pelo menos o ensino médio ou tiveram acesso à educação superior.
- No grupo que possui apenas os anos iniciais do ensino fundamental, 21% são trabalhadores por conta própria tais como camelôs e vendedores ambulantes e 18%, trabalhadores não especializados do setor privado como operadores.
- Para algumas ocupações torna-se evidente a importância que a escolaridade assume. No caso dos trabalhadores de nível de gerência e direção, temos 2% de pessoas que cursaram somente os anos iniciais do ensino fundamental e 59% que chegaram à educação superior. No caso de trabalhadores rurais e em serviços domésticos, havia 12% e 24% respectivamente que não chegaram a estudar.

Alfabetismo e tipo de relação de trabalho

Ainda em relação ao mundo do trabalho, o estudo abarcou as condições de alfabetismo também segundo a origem do vínculo de trabalho das 1737 pessoas de 15 a 64 anos que declararam estar trabalhando no momento da pesquisa ou já terem trabalhado.

Tabela 10 – Grupos de alfabetismo por tipo de relação de trabalho (% nos tipos de relação de trabalho)

Tipo de relação de trabalho	Total	Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente	
<i>Base</i>	1737	100%	76 5%	394 16%	735 22%	395 40%	137 17%
Empregado no setor privado	642	100%	1%	18%	45%	27%	9%
Empregado no setor público	218	100%	0%	11%	39%	33%	17%
Empresário/empreendedor/ microempresário	88	100%	0%	11%	47%	31%	11%
Profissional liberal, especialista de nível superior ou técnico	153	100%	2%	25%	38%	27%	8%
Conta própria dentro ou fora de casa	364	100%	9%	27%	44%	16%	4%
Serviço doméstico com ou sem carteira assinada	156	100%	11%	33%	45%	9%	2%
Pequeno produtor rural	96	100%	20%	49%	26%	4%	1%
Não sabe / Não respondeu	20	100%	0%	45%	40%	10%	5%

Fonte: Elaboração própria.

Como indicado na tabela anterior, verifica-se que:

- Aqueles empregados no setor privado têm 27% de sua força de trabalho no grupo Intermediário e 9% no Proficiente da escala. Quase um em cinco trabalhadores do setor privado (19%) pode ser considerado analfabetos funcionais.
- Aqueles empregados do setor público é o que concentra uma maior proporção de trabalhadores no grupo Proficiente (17%) da escala.
- Dentre os empreendedores, a proporção de analfabetos funcionais é de 11%, mesma proporção encontrada no grupo Proficiente. Já dentre os profissionais liberais de nível técnico ou superior, o perfil de alfabetismo reflete em boa proporção a média nacional, com 27% considerados analfabetos funcionais.
- Os trabalhadores por conta própria, aqueles que atuam em serviços domésticos ou como pequeno produtor rural têm alta proporção de analfabetos funcionais, 36%, 44% e 69%, respectivamente.

Os dados apresentados demonstram condições de alfabetismo distintas para os diferentes tipos de vínculos, característicos de diferentes formas de inserção no mercado de trabalho e dos vínculos de trabalho. Enquanto aqueles empregados no setor público e privado e também aqueles empresários/empreendedores possuem menos de 20% de analfabetos funcionais, os trabalhadores de setores como produção rural e serviço doméstico apresentam altos índices de pessoas na condição de analfabetismo funcional – 69% e 44%, respectivamente.

Os dados das tabelas 11 e 11a mostram que a proporção de mulheres na condição de analfabetismo funcional (23%) é significativamente menor do que a de homens nessa mesma condição (29%). Observa-se também que as mulheres concentram-se majoritariamente no grupo Elementar (46%), não mantendo tal vantagem em relação aos homens nos grupos seguintes da escala (Intermediário e Proficiente).

Tabela 11 – Distribuição de HOMENS na população pesquisada por grupos de alfabetismo e tipo relação de trabalho (% nos grupos)

Tipo de relação de trabalho 890	Total		Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente
	890	100%					
			47	225	344	197	77
			5%	25%	39%	22%	9%
Empregado no setor privado	348	100%	2%	21%	42%	26%	9%
Empregado no setor público	101	100%	0%	13%	39%	30%	19%
Empresário/empreendedor/ microempresário	50	100%	0%	12%	46%	28%	14%
Profissional liberal, especialista de nível superior ou técnico	107	100%	3%	34%	32%	23%	9%
Conta própria dentro ou fora de casa	198	100%	12%	30%	40%	16%	3%
Serviço doméstico com ou sem carteira assinada	8	100%	25%	25%	13%	13%	25%
Pequeno produtor rural	67	100%	19%	48%	25%	6%	1%
Não sabe / Não respondeu	11	100%	0%	38%	46%	15%	0%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 11a – Distribuição de MULHERES na população pesquisada por grupos de alfabetismo e tipo relação de trabalho (% nos tipos)

Tipo de relação de trabalho	Total	Analfabeto	Rudimentar	Elementar	Intermediário	Proficiente	
	847	29	169	391	198	60	
Base	100%	3%	20%	46%	23%	7%	
Empregado no setor privado	294	100%	0%	14%	49%	29%	9%
Empregado no setor público	117	100%	0%	9%	38%	37%	15%
Empresário/empreendedor/ microempresário	38	100%	0%	11%	47%	34%	8%
Profissional liberal, especialista de nível superior ou técnico	49	100%	0%	8%	51%	35%	6%
Conta própria dentro ou fora de casa	165	100%	5%	25%	49%	16%	5%
Serviço doméstico com ou sem carteira assinada	148	100%	10%	34%	47%	9%	1%
Pequeno produtor rural	29	100%	21%	52%	28%	0%	0%
Não sabe / Não respondeu	7	100%	0%	57%	29%	0%	14%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados apontam que praticamente metade dos homens e das mulheres da amostra realizada está empregada no mercado formal e aproximadamente um quinto de cada segmento está dedicado ao trabalho por conta própria. Contudo, há proporções maiores de mulheres dedicadas ao trabalho doméstico e, em contraposição, há maior proporção de homens na condição de empresário/empreendedor, de pequeno produtor rural e atuando como profissional liberal. Os dados da tabela anterior também mostram que:

- As pessoas que trabalham por conta própria, em serviços domésticos e como pequeno produtor rural concentram altas taxas de pessoas na condição de analfabetismo funcional, com sensível concentração de pessoas no grupo Analfabeto da escala. Junto àqueles que trabalham por conta própria, por exemplo, a proporção de analfabetos funcionais entre as mulheres é de 30% frente a 42% entre os homens; entre os empregados no setor privado é de 14% versus 23%.
- Já aquelas empregadas no setor público, no setor privado e empresária/empreendedora concentram maiores proporções de pessoas funcionalmente alfabetizadas tanto para homens quanto para mulheres. Os homens concentram maiores contingentes de pessoas na condição Proficiente; as mulheres têm sensível concentração no grupo Intermediário e Elementar.

- Dentre empregados no setor público, a diferença em termos de condições de alfabetismo entre homens e mulheres se inverte, com uma maior proporção de mulheres no grupo Intermediário (38%) do que no Proficiente (15%) quando comparadas aos homens, que se distribuem na proporção de 30% e 19%, respectivamente.
- Quando consideramos o grupo empresário/empreendedor, nota-se que mais da metade (47%) das mulheres estão apenas no grupo Elementar de alfabetismo e apenas 8% no grupo Proficiente, enquanto que para os homens a proporção no Proficiente é de 14%. Um comportamento semelhante pode ser observado para os profissionais liberais.
- Para os produtores rurais a incidência de analfabetos funcionais é semelhante tanto para homens quanto para mulheres.

Como indicado na tabela 9, há diferenças significativas em termos do perfil de alfabetismo, raça/cor e tipo de trabalho, com clara desvantagem para a população autodeclarada preta/negra ou parda quando comparada com a população branca.

Tabela 12 – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo (agregado) e tipo de relação de trabalho (% nos grupos)

Raça/cor e tipo de relação de trabalho	Total	Analfabetos Funcionais	Elementar	Intermediário e Proficiente
BRANCA	664 100%	22%	43%	35%
Empregado no setor privado	267 100%	14%	44%	42%
Empregado no setor público	86 100%	13%	36%	51%
Empresário/empreendedor/ Microempresário	48 100%	6%	50%	44%
Profissional liberal, especialista de nível superior ou técnico	64 100%	22%	36%	42%
Conta própria dentro ou fora de casa	116 100%	34%	47%	20%
Serviço doméstico com ou sem carteira assinada	48 100%	42%	52%	6%
Pequeno produtor rural	26 100%	69%	23%	8%
Não sabe / Não respondeu	9 100%	67%	33%	0%
PARDA	797 100%	29%	42%	29%
Empregado no setor privado	272 100%	20%	45%	35%
Empregado no setor público	97 100%	10%	38%	52%
Empresário/empreendedor/ Microempresário	29 100%	21%	34%	45%
Profissional liberal, especialista de nível superior ou técnico	65 100%	31%	37%	32%
Conta própria dentro ou fora de casa	185 100%	35%	44%	21%
Serviço doméstico com ou sem carteira assinada	83 100%	42%	45%	13%
Pequeno produtor rural	56 100%	71%	25%	4%
Não sabe / Não respondeu	10 100%	20%	50%	30%
PRETA/NEGRA	239 100%	34%	42%	24%
Empregado no setor privado	84 100%	30%	44%	26%
Empregado no setor público	28 100%	11%	46%	43%
Empresário/empreendedor/ Microempresário	9 100%	11%	67%	22%
Profissional liberal, especialista de nível superior ou técnico	23 100%	30%	48%	22%
Conta própria dentro ou fora de casa	60 100%	43%	37%	20%
Serviço doméstico com ou sem carteira assinada	23 100%	57%	30%	13%
Pequeno produtor rural	11 100%	55%	36%	9%
Não sabe / Não respondeu	1 100%	100%	0%	0%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 12a – Distribuição da população pesquisa por tipo de relação de trabalho e cor/raça⁷ (% x cor/raça)

Relação de trabalho	Total	Branca	Parda	Preta/Negra
Empregado no setor privado	624 37%	267 40%	272 34%	84 35%
Empregado no setor público	211 12%	86 13%	97 12%	28 12%
Empresário/empreendedor/ microempresário	86 5%	48 7%	29 4%	9 4%
Profissional liberal, especialista de nível superior ou técnico	152 9%	64 10%	65 8%	23 10%
Conta própria dentro ou fora de casa	361 21%	116 17%	185 23%	60 25%
Serviço doméstico com ou sem carteira assinada	154 9%	48 7%	83 10%	23 10%
Pequeno produtor rural	93 5%	26 4%	56 7%	11 5%
Não sabe / Não respondeu	20 1%	9 1%	10 1%	1 0%
Total	1702 100%	664 100%	797 100%	239 100%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados mostram que:

- Há maior proporção de pessoas brancas trabalhando como empregado no setor privado quando comparada com pessoas pretas/negras e pardas, conforme a tabela 12^a, e um predomínio de pessoas pretas/negras trabalhando sobretudo por conta própria e em serviços domésticos

⁷ Exclui os entrevistados que se declararam de cor/raça Amarela ou Indígena dada a baixa incidência de casos.

- No tipo empregado setor privado, no setor público e empresário/empreendedor, a população declarada branca tem maior proporção de respondentes na condição de analfabetismo funcional e menor nos grupos Intermediário e Elementar frente a preta/negra e parda.
- Os respondentes que se autodeclaram como preta/negra possui maior proporção na condição de analfabetismo funcional do que brancos e pardos quando trabalhadores por conta própria, em serviços domésticos e como pequenos produtores rurais.

Referências

- AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. O Alfabetismo juvenil: inserção educacional, cultural e profissional. Inaf – Indicador de Alfabetismo Funcional. Edição Especial Jovens Metropolitanos. 2009. [documento eletrônico]
- CATELLI JR., Roberto; SERRAO, Luis Felipe Soares; RIBEIRO, Solange Novis. Construção de avaliação de alfabetismo no mundo do trabalho: a experiência do polo petroquímico de Camaçari. Em: MASAGÃO, Vera Masagão; LIMA, Ana Lúcia D'Império; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (Org). Alfabetismo e letramento no Brasil: 10 anos do Inaf. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015.
- OECD. *Literacy in the information age*: Final report of the international adult literacy survey. Ottawa: OECD; Statistics Canada, 2000.
- RIBEIRO, Vera Masagão Ribeiro; LIMA, Ana Lúcia D'Império; CURY, Fernanda Cristina; SERRAO, Luis Felipe Soares; CATELLI JR., Roberto. Inaf 10 anos: panorama de resultados. Em: MASAGÃO, Vera Masagão; LIMA, Ana Lúcia D'Império; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (Org). Alfabetismo e letramento no Brasil: 10 anos do Inaf. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015.
- RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo e atitudes. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.
- RIBEIRO, Vera Masagão; BATISTA, Antônio Augusto Gomes ; LIMA, Ana . Alfabetismo e aspirações educacionais dos jovens brasileiros nas metrópoles. Cadernos Cenpec (Nova Série), v. 1, p. 197-215, 2011.